

O sensato e o insensato

Franklin Rumjanek

Instituto de Bioquímica Médica, Universidade Federal do Rio de Janeiro
franklin@bioqmed.ufrj.br



“**P**ara mim a palavra Deus nada mais é do que a expressão e o produto da fraqueza humana.” Essa afirmativa de Albert Einstein (1879-1955), em uma carta de 1954, ressurgiu agora para pôr mais lenha na fogueira da polêmica entre religião e ciência. Materialistas a usam como prova de que Einstein era ateu. Já os religiosos citam com frequência uma famosa frase dele – “Deus não joga dados com o universo” – como evidência de que seria religioso. Esse cabo-de-guerra prossegue, ora puxando o físico de um lado, ora de outro. Não é preciso enfatizar a importância da adesão de Einstein, pois este, com sua aura quase profética, teria enorme influência no debate.

Embora a discussão em si seja bastante instigante, a pergunta mais interessante talvez não seja ‘quem está certo?’, e sim ‘por que acreditar em um Deus?’. Como já comentado em outra coluna, os mitos teriam sido criados como artifícios para explicar fenômenos naturais que, para nossos antepassados, eram pura mágica. Nesse contexto, é fácil compreender a interpretação mística da natureza. Era de se esperar que, com a passagem do tempo e o conseqüente aumento do conhecimento, os mitos e religiões fossem abandonados de maneira inversamente proporcional. Isso, no entanto, não acontece. Além da forte presença das três grandes religiões, acontece no mundo atual uma verdadeira explosão de cultos diversos, sérios ou não, que parecem incapazes de saciar a grande demanda humana. Como resolver esse paradoxo?

Já que Einstein parece representar o fiel da balança, tomemos sua declaração sobre a fraqueza humana como ponto de partida. Ao que consta, somos de fato fracos, e ao mesmo tempo nossos piores inimigos. O que presenciamos hoje – e está amplamente registrado pela história – é que os humanos têm um enorme potencial para aniquilar seus semelhantes por motivos que freqüentemente transcendem a mera sobrevivência. Além disso, embora tenham inventado a ecologia, eles exibem muito pouco bom senso quando se trata de preservar o ambiente do qual dependem. Sem muito medo de errar, é possível asseverar que hoje tememos mais nossa própria espécie do que as manifestações naturais que no passado aterrorizavam os nossos ancestrais, como terremotos, vulcões, raios, ataques de feras e outros.

A noção da inconsistência entre o comportamento humano e seu ajuste na biosfera gera seguramente uma crise crônica no consciente coletivo. É razoável propor que a arraigada crença no sobrenatural reflita o reconhecimento de que não lidamos bem com o racionalismo. Os psicanalistas concordam que, quando estamos em crise, regredimos, ou seja, adotamos um comportamento infantil, buscando ou chamando por nossos pais e protetores. No contexto acima, de modo similar, a regressão se expressaria pelo retorno ao ser sobrenatural que um dia, bem ou mal, nos ‘amparou’. Assim, o intelecto humano teria criado um mecanismo essencialmente cultural para preservar sua sanidade, fazendo conviver em compartimentos separados o sensato e o insensato. A estratégia de endosso do sobrenatural abrangeria então outro tipo de evolução independente de mutações no DNA: o *meme* religioso.

Termo cunhado pelo biólogo britânico Richard Dawkins, no livro *O gene egoísta*, o *meme* é definido como uma unidade de informação que pode tomar a forma de comportamentos ou idéias propagados com eficiência, por meios verbais ou outros, de um indivíduo a outro. Nada muito diferente do contágio por agentes infecciosos, como vírus e bactérias. A equivalência do *meme* com um gene estimulou Dawkins a formular a hipótese de que a evolução cultural também estaria subordinada aos mesmos princípios que regem a evolução biológica por seleção natural. Com uma diferença importante. A evolução cultural via *meme* seria bem mais rápida que a genética.

O biólogo alemão Ernst Mayr (1904-2005) dizia que, se uma espécie está bem ajustada ao meio, dificilmente mutações genéticas introduziriam benefícios que, por meio da seleção natural, levassem à sua evolução. Isso reforça a idéia de que a solução para a questão da destruição generalizada, em curto prazo, teria mesmo que ser cultural. Adotando o *meme* religioso o humanos estariam depositando o problema no colo do ‘árbitro supremo’ e simultaneamente eximindo-se de qualquer culpa. ■

Hoje tememos mais nossa própria espécie do que as manifestações naturais que no passado aterrorizavam os nossos ancestrais, como terremotos, vulcões e outros